

Materiais educativos para intervenção farmacêutica nos casos de automedicação
Educational materials for pharmaceutical intervention in self-medication cases

Solange de Almeida¹; Nathalia Serafim dos Santos¹, Pedro Araujo dos Santos², Maria de Fátima Fernandes Fujii², Paulo Aparecido Vargas Salomão², Mariana Donato Pereira²

¹Faculdade Sudoeste Paulista. Itapetininga, SP.

²Centro Universitário Max Planck. Indaiatuba, SP.

RESUMO

A disseminação de informações sobre temas de saúde se torna, cada vez mais, relevante em uma população digital, na qual dados equivocados são encontrados diariamente na internet. Parte da população utiliza medicamentos sem prescrição médica e acaba fazendo a administração de forma equivocada contribuindo para aumento dos casos de reações adversas e interações medicamentosas. O objetivo deste estudo foi a elaboração de material educativo sobre automedicação sob a forma de folders, palestras, oficinas e jogos. Promovendo assim, orientações sobre automedicação, seus riscos e consequências oriundas pelo uso indiscriminado de medicamentos. As razões pelas quais se realiza a automedicação são diversas, indo desde indicações familiares até demora no atendimento público ou particular de saúde. A elaboração dos materiais informativos contemplando a automedicação foi realizada em seis etapas: sistematização das informações, escolha do *software* de auxílio, estruturação do conteúdo, elaboração da arte, revisão do material e aprovação final. Na elaboração dos folders, oficina, palestra e jogos a proposta foi fazer com que os usuários refletissem o motivo de se fazer a automedicação e seus perigos, levando a conscientização da necessidade de buscar a orientação do profissional de saúde qualificado. A automedicação é uma prática rotineira da população brasileira, a falta de informações e conhecimento prévio sobre seus riscos incide positivamente em internações que poderiam ser evitadas. Desta forma, o desenvolvimento de materiais educativos e sua disseminação pode vir a tornar esse público ciente dos perigos associados ao uso de medicamentos sem orientação adequada.

Palavras-chave: Automedicação. Educação em saúde. Atenção farmacêutica.

INTRODUÇÃO

A intervenção farmacêutica como orientação contra o uso de medicamentos sem prescrição médica pode ser incrementada com a utilização de materiais educativos esclarecedores, que abordem o tema com em linguagem simples e direta (CARDOSO; SOARES, 2015). Deve-se ter em mente quais são as necessidades do público-alvo de forma a orientá-lo em questões que geram dúvidas ou são desconhecidas. O farmacêutico pode fornecer informações desde a aquisição até utilização dos medicamentos. Fatos cotidianos do público alvo devem ser abordados, pois estes favorecem o entendimento possibilitando melhor adesão as medidas que contribuem para a conscientização dos riscos associados a

automedicação. Essa didática tende a ser mais proveitosa, fazendo com que o usuário reflita sobre suas atitudes e tenha uma mudança de postura (SOUZA et al., 2015).

A utilização de linguagem elucidativa remete o paciente a um cenário que pode motivá-lo a procurar mais informações sobre os medicamentos que administra, contribuindo para menor chance de complicações com o uso inadequado (MACEDO et al., 2015).

Uma grande parcela da população que adquire medicamentos sem prescrição médica possui dúvidas quanto à utilização correta e possíveis interações medicamentosas. O farmacêutico pode intervir para evitar mascaramento de doenças, que em casos mais críticos podem levar a morte (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2015).

Na maioria destes casos, a utilização ocorre por indicação de familiares e incentivo pela propaganda de medicamentos vinculados na mídia induzindo cada vez mais o consumo (FIOCRUZ, 2015).

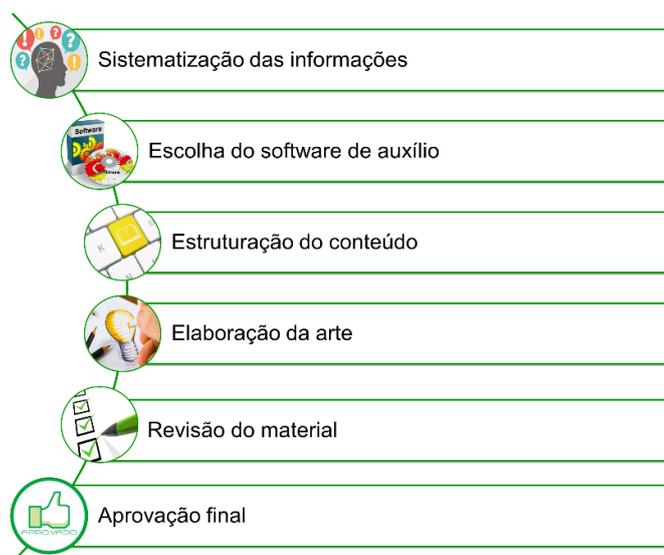
Desta forma, o objetivo deste estudo é elaborar material informativo sobre automedicação para campanhas educativas, sob a forma de folder, palestras, oficinas, jogos e dinâmicas. Fornecendo assim, incentivo a população quanto aos riscos da automedicação e poderá repercutir na mudança de postura, constituindo-se em medida de promoção de saúde e melhor qualidade de vida.

MÉTODOS

Descreve as etapas utilizadas na elaboração dos materiais educativos, evidenciando a construção do conhecimento de maneira coletiva e participativa, buscando identificar as necessidades do público alvo abordando o tema de forma clara e simples.

A elaboração dos materiais informativos contemplando a automedicação foi realizada em seis etapas (Figura 2), entre fevereiro a outubro de 2018.

Primeira etapa - Sistematização das Informações: foi realizada através da busca em bases de dados científicos no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Utilizou-se como descritores: “automedicação”; “educação em saúde” e “materiais educativos”. Documentos governamentais e cartilhas de conselhos de profissionais de saúde também foram utilizados para composição dos dados necessários para elaboração dos materiais educativos. Finalizado a busca, as informações relevantes foram selecionadas e posicionadas no tipo de material que seriam utilizadas (folders, palestras, oficinas, jogos e/ou dinâmicas).

Figura 2 – Processo de elaboração dos materiais educativos.

Fonte: Elaboração Própria.

Segunda etapa – Escolha do *software* de auxílio: foi feita a seleção do *software* a partir do tipo de material educativo em construção. Para elaboração de folders e jogos utilizou-se o Microsoft Publisher[®], programa que faz parte do Microsoft Office[®], empregado para diagramação eletrônica. Nos casos de palestras, oficinas e dinâmicas foi selecionado o Microsoft PowerPoint[®], programa utilizado para criação, edição e exibição de apresentações gráficas e o Microsoft Word[®], o mais conhecido processador de texto do país.

Terceira etapa - Estruturação do conteúdo: definiu-se os tópicos de cada material informativo e elaborou-se o conteúdo de forma individual.

Quarta etapa - Elaboração da arte: foi realizada levando-se em consideração o tema da pesquisa e o tipo de material educativo.

Quinta etapa - Revisão do material: foi feita por meio da equipe de pesquisadores (discente, orientador, aluno, professores de apoio) em setembro de 2018 e definiram-se os itens que deveriam ser ajustados para contemplar a versão final.

Sexta etapa - Aprovação final: realizada por meio da equipe de pesquisadores e na sequência ocorreu à liberação para impressão dos materiais elaborados.

Resultados e Discussão

A utilização de materiais educativos impressos é empregada com o intuito de desenvolver uma autocritica a fim de remodelar seu comportamento. A estratégia utilizada com educação em saúde propulsiona uma maior adesão as informações (CACHIONI et al., 2015).

As orientações contidas nesses elementos, reforçados com o diálogo de um farmacêutico podem fazer com que o indivíduo desenvolva maior responsabilidade ao automedicar-se. Essa comunicação aplica-se ao paciente e às pessoas de seu convívio por meio de transmissão das informações adquiridas.

A recorrência para a informação utilizando materiais educativos é prevacente em várias áreas da saúde, seja em ciências e ambiente, como nas temáticas de ensino quando se trata de mudança de comportamento e são apontadas as dificuldades de elaboração e de aquisição de informações as quais são destinadas a um público específico (FREITAS; REZENDE FILHO, 2011).

A elaboração dos materiais passa por várias etapas até sua confecção e se trata desde a análise do público-alvo, para verificação do que é necessário trabalhar até a coleta de dados. Nesta fase, as dificuldades da elaboração, pois o assunto deve ser abrangente porem simples, visto que na automedicação ocorre quase sempre por pessoas leigas e que não possuem informações técnicas para a realização do mesmo.

Com a criação do SUS em 1980, as informações ainda eram aplicadas na forma tradicional e a responsabilidade da instrução sobre saúde pertencia ao profissional de saúde. Com essa propriedade a didática aplicada ficava somente a nível de consulta não abrangendo o cotidiano do paciente. Contudo passou-se a incorporar outras atitudes educativas e a inserção de panfletos explicativos passou a ser comum na vida desses usuários incitando-os a rever suas atitudes (SILVA et al., 2010).

A veiculação de materiais impressos sobre mudanças de comportamento e de hábitos saudáveis dentro de unidades de saúde e demais departamentos voltados ao atendimento de pacientes, foi possível analisar as reais necessidades dos pacientes que fazem uso indiscriminado de medicamentos, ora por falta de atendimento, ora por um longo tempo de espera até chegar a vez de ser atendido. Esse tipo de caso é comum no sistema público e não é algo irreal no sistema particular de saúde.

Com a aplicação da sistematização das informações, mantem o desafio na formação de críticas desses pacientes que em muitas vezes são pessoas de baixa instrução com pouco

critério para aquisição de medicamentos adequados para sanar sua necessidade (PRADO et al., 2011).

A intenção é desenvolver o senso crítico tendo como instrumento um informativo adequado a realidade dessas pessoas, sabendo que a prática é recorrente e de fácil indução.

Ocorre que a informação é veiculada velozmente e observa-se a utilização da internet quando se quer utilizar um determinado medicamento para tal enfermidade. A busca é determinada pelo sintoma que a pessoa apresenta, quase sempre sucede do leigo com baixo ou nenhum conhecimento sobre medicamentos e os malefícios que este pode causar se administrado erroneamente.

Em todos o tempo o utilizou-se de um profissional de saúde para disseminação de práticas de higiene e de comportamento para a manutenção e promoção da saúde, neste panorama a inserção de um farmacêutico se faz essencial quando se tratar do assunto de automedicação (OENNING et al., 2011).

A informação aplicada pelo profissional farmacêutico dispõe de várias etapas na administração de medicamentos e qual deve ser administrado quando não puder ser orientado pelo médico.

O poder de persuasão promovido pela divulgação das propagandas de medicamentos tende a aumentar a ilusória necessidade de administrar certo medicamento, pondo em risco seu bem-estar (SILVA; JUNGES, 2010).

Ocorre que a informação é veiculada velozmente e vemos a utilização da internet quando se quer utilizar um determinado medicamento para tal enfermidade. A busca é determinada pelo sintoma que a pessoa apresenta, quase sempre sucede de pessoa leiga com baixo ou nenhum conhecimento sobre medicamentos e os malefícios que este pode causar se administrado erroneamente.

Com essa realidade é possível trabalhar de forma motivadora afim de promover a conscientização sobre a automedicação. A introdução de oficinas permite que a educação seja colocada na prática, de forma que se possa haver trocas de experiências, uma vez que é aplicado a vários integrantes.

Nas oficinas e palestras a proposta é levantar um questionamento desses usuários, relatando a sua necessidade e qual o motivo de se fazer sem orientação profissional (FREIRE, 2011).

Nos jogos, a ideia é a associação de elementos cotidianos, relacionados a automedicação, quando utilizar e quais classes a serem utilizadas até que ocorra atendimento profissional adequado, aderindo ao conceito de utilização.

A aplicação das propostas pode ser realizada em Unidades de Saúde juntamente com o Programa Hiperdia, Saúde da Mulher, em Drogarias, Escolas reunindo os pais de alunos e em mutirões de Saúde como o Farmacêuticos na Praça.

Em todos os tempos, utilizou-se de um profissional de saúde para disseminação de práticas de higiene e de comportamento para a manutenção e promoção da saúde, neste panorama a inserção de um farmacêutico se faz essencial quando se tratar do assunto de automedicação (OENNING et al., 2011).

A informação aplicada pelo profissional farmacêutico dispõe de várias etapas na administração de medicamentos e qual deve ser administrado quando não puder ser orientado pelo médico.

O poder de persuasão promovido pela divulgação das propagandas de medicamentos tende a aumentar a ilusória necessidade de administrar certo medicamento, pondo em risco seu bem-estar (SILVA; JUNGES, 2010).

Ocorre que a informação é veiculada velozmente e vemos a utilização da internet quando se quer utilizar um determinado medicamento para tal enfermidade. A busca é determinada pelo sintoma que a pessoa apresenta, quase sempre sucede de pessoa leiga com baixo ou nenhum conhecimento sobre medicamentos e os malefícios que este pode causar se administrado erroneamente.

A recorrência para a informação utilizando materiais educativos é prevacente em várias áreas da saúde, seja em ciências e ambiente, como nas temáticas de ensino quando se trata de mudança de comportamento e são apontadas as dificuldades de elaboração e de aquisição de informações as quais são destinadas a um público específico (FREITAS; REZENDE FILHO, 2011).

A elaboração dos materiais passa por várias etapas até sua confecção e se trata desde a análise do público-alvo, para verificação do que é necessário trabalhar até a coleta de dados. Nesta fase as dificuldades da elaboração, pois o assunto deve ser abrangente porem simples, visto que na automedicação ocorre quase sempre por pessoas leigas e que não possuem informações técnicas para a realização do mesmo.

Com a criação do SUS em 1980, as informações ainda eram aplicadas na forma tradicional e a responsabilidade da instrução sobre saúde pertencia ao profissional de saúde. Com essa

propriedade a didática aplicada ficava somente a nível de consulta não abrangendo o cotidiano do paciente. Contudo passou-se a incorporar outras atitudes educativas e a inserção de panfletos explicativos passou a ser comum na vida desses usuários incitando-os a rever suas atitudes (SILVA et al., 2010).

A veiculação de materiais impressos sobre mudanças de comportamento e de hábitos saudáveis dentro de unidades de saúde e demais departamentos voltados ao atendimento de pacientes, foi possível analisar as reais necessidades dos pacientes que fazem uso indiscriminado de medicamentos, ora por falta de atendimento, ora por um longo tempo de espera até chegar a vez de ser atendido. Esse tipo de caso é comum no sistema público e não é algo irreal no sistema particular de saúde.

A intenção é desenvolver o senso crítico tendo como instrumento um informativo adequado a realidade dessas pessoas, sabendo que a prática é recorrente e de fácil indução.

Em todo o tempo utilizou-se de um profissional de saúde para disseminação de práticas de higiene e de comportamento para a manutenção e promoção da saúde, neste panorama a inserção de um farmacêutico se faz essencial quando se tratar do assunto de automedicação (OENNING et al., 2011).

A informação aplicada pelo profissional farmacêutico dispõe de várias etapas, na administração de medicamentos e qual deve ser administrado quando não puder ser orientado pelo médico.

O poder de persuasão promovido pela divulgação das propagandas de medicamentos tende a aumentar a ilusória necessidade de administrar certo medicamento, pondo em risco seu bem-estar (SILVA; JUNGES, 2010).

Ocorre que a informação é veiculada velozmente e vemos a utilização da internet quando se quer utilizar um determinado medicamento para tal enfermidade. A busca é determinada pelo sintoma que a pessoa apresenta, quase sempre sucede de pessoa leiga com baixo ou nenhum conhecimento sobre medicamentos e os malefícios que este pode causar se administrado erroneamente.

Com essa realidade é possível trabalhar de forma motivadora afim de promover a conscientização sobre a automedicação

Neste projeto foram elaborados os seguintes materiais educativos:

- Folders
- Oficinas educativas
- Palestras

- Jogos

Folder

Trata de material de caráter informativo contendo de duas a três dobras, com informações relevantes sobre determinado assunto, de forma a atrair a atenção do leitor objetivando a esclarecer dúvidas de seu comportamento e direcionando suas questões.

A inserção de informações para sua elaboração ocorreu a partir de prática comumente realizada na população: a automedicação.

Com linguagem clara e concisa sobre o assunto, com o objetivo de promover um esclarecimento dos riscos que esse comportamento pode oferecer foi elaborado o folder anexado abaixo:

Figura 3 – Capa Folder



Fonte: Elaboração Própria.

Figura 4 – Interior do Folder

<p>Você sabe o que significa as tarjas ?</p> <p>Você sabe a diferenças das tarjas de medicamentos? São a classificação visual do grau de risco que eles oferecem ao consumidor. Mas há medicamentos sem tarja que são de baixo risco. E os tarjados variam seu risco de moderado a alto</p> <p><u>Medicamentos não tarjados</u> Há, nas drogarias, medicamentos que não são tarjados e são conhecidos como MIPs (Medicamentos Isentos de Prescrição) ou <i>over the counter</i> ("sobre o balcão")</p> <p><u>Tarja vermelha</u> Com retenção da receita: Devem ser vendidos com receita pois podem causar efeitos colaterais graves. A receita é simples, mas em certos medicamentos a receita de cor branca ficará retida na farmácia ou drogaria São os antibióticos, medicamentos para hipertensão, psicotrópicos e medicamentos controlados. Apresenta esses dizeres: VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA – SÓ PODE SER VENDIDO COM RETENÇÃO DA RECEITA.</p> <p><u>Tarja vermelha sem retenção da receita:</u> Está escrito apenas "Venda sob pres-</p>	<p>crição médica", o paciente pode levar a receita para casa.</p> <p><u>Tarja preta</u> São perigosos e precisam ser tomados seguindo rigorosamente a indicação do médico. Os remédios de tarja preta são considerados psicotrópicos e o uso prolongado pode causar dependência. Esses remédios só podem ser vendidos com receituário especial de cor azul, que fica retido na farmácia. Na tarja desse tipo de medicamento vem escrito "Venda sob prescrição médica. O abuso deste medicamento pode causar dependência."</p> <p><u>Tarja amarela</u> A tarja amarela na embalagem de um remédio com uma letra "G" escrita indica que se trata de um genérico. Quando o medicamento genérico é isento de prescrição médica, aparece apenas a tarja amarela na caixa. Quando ele precisa de prescrição, apresenta, além da tarja amarela, a tarja vermelha ou preta. Trata-se do único tipo de medicamento que pode apresentar duas tarjas. Outros detalhes a serem observados no medicamento genérico é a presença de um "G" maiúsculo por cima da faixa amarela, de coloração azul, com os dizeres "Medicamento genérico". Estar atento a esses detalhes é imprescindível para evitar falsificações.</p>	<p>Cuidado com a "farmacinha" em casa As pessoas conservam em suas casas vários medicamentos para lidar com contratempos como dor de cabeça, coriza e resfriado, como se fosse uma pequena farmácia. O risco de manter medicamentos em casa está no fato de que pode ocorrer ingestão acidental por crianças, além de o armazenamento pode diminuir a eficácia do produto. Medicamentos que mais causam intoxicação são os analgésicos, anti-térmicos e anti-inflamatórios. A similaridade das embalagens pode causar confusão, e você pode tomar um medicamento enganado.</p> 
---	---	--

Fonte: Elaboração Própria.

Oficinas

A ideia de oficina denota o cotidiano do paciente-medicamento, pois mostra de forma que seja permitido a elaboração rápida de um parecer sobre o comportamento, podendo ser analisada e com isso estabelecer uma informação direta àquele paciente.

A elaboração de situações – problemas aplicando um questionário rápido no intuito de induzir a mudança de comportamento por se tratar de um local de reflexão comportamental (LOPES et al., 2011).

Promover o contato com partes integrantes de medicamentos como bulas, blisters e embalagens, realizando uma dinâmica com outros elementos, e mostrando os riscos dos medicamentos quanto a interações medicamentosas.

A proposta foi realizada em *stands* com amostragem de medicamentos, onde pode se interagir com os mesmos e na sequência verificar as ocorrências mais comuns ligadas a esse medicamento, como hipersensibilidade, intoxicação por poli farmácia e outras.

Dinâmicas sobre o armazenamento correto, reutilização de medicamentos líquidos e descarte correto também foram propostos na Oficina.

Palestras: O que é automedicação?

Utilização de medicamentos sem orientação de um profissional competente (médico, dentista ou farmacêutico), realizado por conta do paciente.

Cada vez mais se vê agravos ligados a esse comportamento. Foi registrado no ano de 2016 na região Sudeste um total de 12.561 casos de intoxicação, que representa 52,73 % das notificações de 19 itens que podem causar intoxicação, aparecendo como primeiro lugar neste banco de dados. Dado que não foi modificado através dos anos (FIOCRUZ, 2016).

Com isso, conclui-se que o comportamento de automedicação não foi mudado e essa é a grande luta dos profissionais envolvidos, mostrar os riscos que são eminentes quando se realiza essa prática, estimular a procurar serviço de saúde que possa orienta-lo a utilização correta.

Apresentação dos grupos mais utilizados:

- Analgésicos;
- Relaxantes musculares;
- Anti-inflamatórios e antirreumáticos;
- Preparações para tosse e resfriado;
- Medicamentos para transtornos relacionados à acidez;
- Medicamentos para transtornos gastrointestinais funcionais;
- Vitaminas
- Antibacterianos para uso sistêmico.
-

Figura 5 – Slides palestras

O que é automedicação?

Ato de recorrer ao uso de medicamentos sem orientação de um profissional habilitado (médico, dentista ou farmacêutico).

Solange de Almeida

Você sabe a diferença entre remédio e medicamento?





Remédio é todo tipo de cuidado que é aplicado a uma condição de mal estar ou doença, ou seja um chá para tosse, uma massagem nos pés...

E medicamento?

São produtos específicos elaborados para diagnóstico, profilático, paliativo e cura de doenças.
São chamados de fármacos, drogas ou princípios ativos.



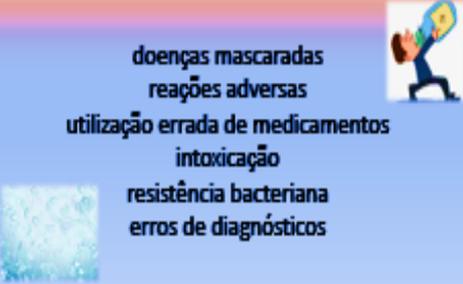
Logo:
todo medicamento é um remédio, mas nem todo remédio é medicamento!



Por que as pessoas recorrem a automedicação?
deficiência do sistema de saúde pública;
indicação de amigos, parentes, etc;
influência da mídia em geral.

Riscos comuns na automedicação:

- doenças mascaradas
- reações adversas
- utilização errada de medicamentos
- intoxicação
- resistência bacteriana
- erros de diagnósticos



CONFIRA

Remédios mais consumidos na automedicação

Analgésicos	1º	48%
Anti-inflamatórios	2º	20%
Antibióticos	3º	13%
Anticépticos	4º	8%
Anticépticos (gargalho)	5º	3%



Fonte: Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Farmacéuticas (IPF)



Fonte: Elaboração Própria.

Jogo da Memória:

A ideia da utilização do jogo da memória é desenvolver o conhecimento que foi propagado durante a realização da oficina, o que pode se observar a assimilação da informação, com uso de simbologia e imagens específicas para o desenvolvimento do entendimento e da memorização do conteúdo aplicado (KISHIMOTO, 2011).

O intuito do jogo da memória é fazer com que a haja memorização de imagens associadas a automedicação, tendo em vista que essa lembrança se portará como um alerta quando esse indivíduo quiser realizar a automedicação sem orientação. Além disso a participação de outras pessoas durante os jogos possibilita trocas de vivências e de situações ocorridas com essa atitude.

Figura 6 – Jogo da Memória



Fonte: Elaboração Própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação é uma prática rotineira da população brasileira, a falta de informações e conhecimento prévio sobre seus riscos incide positivamente em interações que poderiam ser evitadas. Os pacientes acabam utilizando medicamentos por indicações de amigos, parentes e por meio de informações da internet, muitas vezes escritas por leigos.

Desta forma, a transmissão de conhecimento é fundamental para se estabelecer um novo comportamento focado na orientação por profissionais de saúde que possam contribuir na conscientização dos males provocados pelo uso indiscriminado de medicamentos. Neste contexto, o desenvolvimento de materiais educativos se deu a fim de atrair o paciente e direcioná-lo a uma ação consciente no qual o objetivo é que procure orientação profissional. As chamadas foram simples e diretas, envolvendo o paciente em seu cotidiano direcionando a proposta de buscar orientação apropriada.

É necessário ações efetivas na área educacional, pois a automedicação virou prática cultural no país, e o desenvolvimento de materiais educativos cada vez mais chamativos e associados ao dia a dia da população, com recursos variados, pode vir a tornar esse público ciente dos perigos associados ao uso de medicamentos sem orientação de profissional de saúde.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência saúde coletiva** [online]. 2010, vol.15, n.5, pp.2533-2538. ISSN 1413-8123. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>>
- CACHIONI, M. et al. **Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por Educadores de uma universidade aberta à terceira idade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 81- 103, 2015.
- CARDOSO, R. R.; SOARES, C. M. A. Grupo de idosos: promovendo qualidade de vida através de uma equipe multidisciplinar de saúde. **Revista Norte Mineira de Enfermagem**, Montes Claros, v. 4, Edição Especial, p. 39-40, 2015.
- FAGUNDES, M. J. D., SOARES, M. G. A., DINIZ, N. M. (2007). Análise bioética da propaganda e publicidade de medicamentos. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.12, p. 221-29. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12614>.> Acesso em 20 de mai 2017
- FERNANDES, W. S; CEMBRANELLI, J C. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: O papel do profissional farmacêutico no combate à essas práticas. **Revista Univap**, São Jose dos Campos, v. 21, n. 37, p. 5-12, jun. 2015.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Interação medicamentosa: entenda os riscos de se medicar sem orientação**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/interacao-medicamentosa-entenda-os-riscos-de-se-medicar-sem-orientacao>> Acesso em: 14 de maio de 2015.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **SINITOX Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas**. Rio de Janeiro, 2016.

FREITAS, F. V.; REZENDE FILHO, L. A. Modelos de comunicação e uso de impressos na educação em saúde: uma pesquisa bibliográfica. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v.15, n.36, p. 243-256, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2011.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES R. M.; SILVA FILHO M. V.; MARSDEN M.; ALVES N. G. **Aprendizagem baseada em problemas: uma experiência no ensino de química toxicológica**. *Quim. Nova*. 2011;34(7):1275-80.

MACEDO, G. R.; CARMO, B. B.; CASTRO, G. F. P.; CORREA, J. B. **O poder do marketing no consumo excessivo de medicamentos no Brasil**. *Revista Transformar*. 10ª Edição, 2015.

OENNING, D.; OLIVEIRA, B. V.; BLATT, C. R. Conhecimento dos pacientes sobre os medicamentos prescritos após consulta médica e dispensação. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 3277-3283. 2011.

PRADO, C. et al. **Seminários na perspectiva dialética: experiência na disciplina Administração em Enfermagem**. *Acta Paul. Enferm.*, v.24, n.4, p.582-5, 2011.

SILVA, C. M. C. et al. Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. **Revista Ciência Saúde Coletiva**, v.15, n.5, p.2.539-50, 2010.

SOUZA, L. M.; MORAIS, R. L. G. L.; OLIVEIRA, J. S. Direitos sexuais e reprodutivos: influências dos materiais educativos impressos no processo de educação em sexualidade. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 106, p. 683-693, set. 2015.